

Igreja do Colégio do Jesuítas de Ponta Delgada

A chegada dos primeiros padres jesuítas à ilha de São Miguel ocorreu cerca de cinquenta anos após a fundação da Companhia de Jesus. Aqui se estabeleceram em 1591, na cidade de Ponta Delgada, onde se constituíram em simples Residência que depressa foi elevada à dignidade de Colégio. Para isso contribuíram as diligências dos habitantes e da Câmara local que concorreram com diversos donativos.

Logo após o seu assentamento procederam os padres à edificação da necessária igreja, tendo a sua primeira pedra sido lançada a 1 de Novembro de 1592, sob a invocação de *Todos-os-Santos*. Desta primitiva estrutura, edificada em quatro meses, pouco se sabe, apenas que se situaria nas proximidade da actual e que teria mais de uma nave, pois Frei Agostinho de Montalverne refere nas suas crónicas que possuía “colunas de pau”. Enriquecida com alfaias, paramentos e imagens, que testemunhavam a sua importância, nela também se constituíram diferentes confrarias com altar e rendimentos próprios: a primeira foi a de N.ª S.ª da Vitória, fundada pelos estudantes do próprio colégio jesuíta, e, depois, a de N.ª S.ª da Vida, dos mestres de ofícios da cidade, a de Santo Inácio, que agregava os militares, e, a da de São Francisco Xavier, da Câmara de Ponta Delgada que tomou o santo como padroeiro da cidade.

Face à crescente consideração que os padres da Companhia entretanto alcançaram rapidamente aquela igreja se tornou pequena e pouco digna. Assim, a partir de 1657, assiste-se à construção de novo e mais amplo templo, este agora de nave única e abóbada de berço. Desta construção seiscentista são hoje visíveis alguns elementos, como a torre do lado nascente e, no interior da nave,



Igreja de Todos-os-Santos, do Colégio dos Jesuítas de Ponta Delgada (Fachada, séc. XVIII).

parte da cimalha talhada em pedra com motivos de “ponta de diamante” e dois pequenos nichos pétreos de feição renascentista nas paredes laterais, postos a descoberto durante as últimas obras de recuperação do edifício.

Durante o século XVIII a igreja sofreria significativas alterações decorativas, fruto de uma “modernização” ao gosto do Barroco, efectuadas depois de 1737. No exterior, uma nova e exuberante fachada foi aposta à primitiva, e, no interior, a capela-mor foi revestida de magnífica talha, desde o arco triunfal até ao retábulo

com seu monumental trono para exposição do Santíssimo, e complementada com dois painéis de azulejos de pintura figurativa a azul. A precipitada saída dos jesuítas, por ordem régia executada em Agosto de 1760, deixaria no entanto estas obras incompletas, a fachada nunca receberia o remate superior planeado e a talha da capela-mor ficaria por dourar. Refira-se aqui que os elementos policromos lá existentes, ao contrário do que é correntemente aceite, não serão indícios de um interrompido processo de douramento mas sim provável fruto da

integração de partes do altar seiscentista anterior.

A Igreja do Colégio foi, depois da expulsão dos jesuítas, despojada de muitos dos seus bens litúrgicos e artísticos, integrados no património do Estado ou vendidos em hasta pública conforme ordem régia, ficando no entanto o culto assegurado por clérigos franciscanos até 1800. Profanada então a igreja, os seus altares laterais foram dispersos por outros templos da ilha bem como as restantes alfaias. Dos bens do faustoso templo permaneceram quase só o altar-mor e algumas pinturas de temática jesuítica.

Em 1834, após ter tido várias utilizações (entre elas de tribunal judicial), a igreja é adquirida por Nicolau Maria Raposo do Amaral, cujo pai fora já o comprador do edifício do Colégio. Os seus descendentes aqui mantiveram o culto dominical até à década de 1970, altura em que o templo e parte do seu recheio são doados à Câmara Municipal de Ponta Delgada. Por sua vez, esta cederia em 1977 o espaço ao Governo Regional dos Açores, para instalação do Núcleo de Arte Sacra do Museu Carlos Machado, que após as necessárias obras de restauro e adaptação abriria ao público a 18 de Maio de 2006. ♦

ANA FERNANDES
MUSEU CARLOS MACHADO
ana.mr.fernandes@azores.gov.pt

PROMOTOR



Governo dos Açores

PRESIDÊNCIA DO GOVERNO
Direção Regional da Cultura

São Francisco Xavier e o Milagre das Águas

Do espólio jesuíta da igreja constam três telas atribuídas a Bento Coelho da Silveira (1620-1708), pintor régio de D. Pedro II, que retratam passos da vida de São Francisco Xavier (1506-1552), um dos fundadores da Companhia de Jesus e fervoroso missionário conhecido como “Apóstolo do Oriente”. Uma dessas pinturas representa o “Milagre das Águas”, prodígio ocorrido durante uma viagem de barco para Malaca, quando o santo ante a escassez de água



potável dulcificou o mar em volta com um simples toque, salvando assim toda a tripulação. O relato testemunhal deste acontecimento seria decisivo, anos mais tarde, no seu processo de canonização ocorrido em 1622. ♦

Altar do Senhor dos Passos

Instituído por devoção de Nicolau Maria Raposo Amaral, então proprietário da Igreja e do Colégio dos Jesuítas, para albergar a imagem do Senhor dos Passos que em 1846 viera da antiga e já profanada Igreja da Misericórdia de Ponta Delgada. Três anos depois este mandaria ainda vir de Lisboa uma imagem de N.ª Sr.ª da Soledade, que também passou a integrar a procissão do Senhor dos Passos que sob a sua protecção se realizou em Ponta Delgada enquanto viveu. O douramento e pintura



do altar foram iniciados em 1839 por António de Melo Pacheco, sendo finalizados em 1847 por João Albino Peixoto, conhecido artista ribeira-grandense que se firmou no campo das artes e das letras. ♦